



—Democracias ocidentais encaram uma maré crescente de um populismo cético e antiliberal

O retrocesso que ameaça a revolução liberal

Vladimir Putin
e Xi Jinping:
céticos aos
valores
ocidentais



ARTIGO

FAREED ZAKARIA
THE WASHINGTON POST

Vivemos uma era de reação a três décadas de revoluções em diferentes campos. Desde a queda do Muro de Berlim, em 1989, o mundo testemunhou a liberalização dos mercados e a explosão da tecnologia da informação. Cada tendência pareceu reforçar a outra, criando um mundo em geral mais aberto, dinâmico e interconectado. Para muitos americanos, essas forças pareciam naturalmente e autossustentáveis, mas não são. As ideias que se espalharam pelo planeta durante essa era de abertura eram ideias americanas, ou pelo menos ocidentais, e fortalecidas pelo poder dos EUA. Ao longo da década passada, conforme esse poder começou a ser contestado, essa tendência começou a se reverter. Neste momento, a política em todo o mundo está repleta de ansiedade, uma reação cultural a anos de aceleração.

A oposição ao poder dos EUA é facilmente visível no campo da geopolítica. Após três décadas de hegemonia americana incontestada, a ascensão da China e o retorno da Rússia nos trouxeram de volta a uma era de competição entre grandes potências. Essas nações, assim como algumas potências regionais, como o Irã,

buscam perturbar e erodir o sistema internacional dominado pelo Ocidente, que tem ordenado o mundo nas décadas recentes.

Mas isso não é simplesmente uma resposta ao poder bruto dos EUA; é também uma reação à ampla disseminação das ideias liberais do Ocidente. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, o da China, Xi Jinping, e o líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, são aliados em um aspecto crucial: todos acreditam que os valores ocidentais são estranhos às suas sociedades e minam seus governos. Muito mais preocupante: dentro do mundo ocidental desenvolveu-se uma reação negativa a muitos desses mesmos valores.

CETICISMO. As democracias ocidentais encaram uma maré crescente do populismo antiliberal, que é cético em relação a abertura, globalização, comércio, imigração e diversidade. O resultado tem sido que em todo o mundo vemos um recuo da democracia, tarifas e barreiras comerciais crescentes, cada vez mais hostilidades à imigração e aos imigrantes, a expansão eterna dos limites sobre as tecnologias e o acesso à informação – e ainda mais ceticismo a respeito da própria democracia liberal.

As ideias liberais transformaram as sociedades e as suas formas de interagir entre si. Basta olhar ao redor. Desde 1945, ano do nascimento da “ordem internacional libe-



Argumento

Ao explicar sua própria ideologia antiliberal, Viktor Orbán afirma que o liberalismo coloca foco demais sobre o indivíduo e seu ego

ral”, o mundo experimentou o que John Lewis Gaddis chamou de “longa paz”, o período mais duradouro sem conflitos entre grandes potências na história moderna. Desde então, a maioria das nações comportou-se no exterior normalmente de acordo com um conjunto de regras, normas e valores compartilhados. Há, neste momento, milhares de acordos internacionais que governam o comportamento de países e muitas organizações internacionais que criam fóruns de discussão, debate e ação conjunta.

Reflexo

A política em todo o mundo está repleta de ansiedade, uma reação cultural a anos de aceleração

O comércio entre esses países explodiu. Ele correspondia a cerca de 30% do PIB global em 1913, uma era frequentemente considerada um ponto alto em termos de paz e coo-

peração. Hoje, está na casa dos 60%. Desde 1945, anexações de território por meio da força, uma ocorrência comum no passado, tornaram-se raras a ponto de quase desaparecer – o que explica por que a invasão russa à Ucrânia se sobressai como uma anomalia notável.

Conforme avança a reação negativa ao poder e às ideias dos EUA, a dúvida que emerge é se a ordem internacional existente será sustentada com a paz entre grandes potências, o comércio global e alguma medida de cooperação internacional ainda vigorando, ou se retornaremos para a selva da realpolitik.

REGRAS. O mundo de rivalidades e realpolitik nos acompanha desde tempos imemoriais. O mundo com uma ordem internacional baseada em regras é algo relativamente novo. Assim como muitas ideias liberais, ele emergiu do Iluminismo europeu. Pensadores como Hugo Grotius e Immanuel Kant começaram a defender conceitos relativos a

interesses nacionais que nos afastam da guerra e nos aproximam da “paz perpétua”.

No século 19, liberais britânicos adotaram algumas dessas ideias, e o Reino Unido começou a agir no exterior para defender seus valores, não simplesmente seus interesses. Por exemplo, os britânicos não só aboliram o comércio de pessoas escravizadas, mas também usaram sua Marinha para bloquear navios negreiros de outros países. Mas foi apenas nas cinzas da 2.ª Guerra que os EUA, absolutamente dominantes, foram capazes de conceber um sistema internacional genuinamente novo e torná-lo realidade.

EXPANSÃO. Esse sistema – as Nações Unidas, os Acordos de Bretton Woods, o livre-comércio, a cooperação – emergiu em meados nos anos 40, mas foi em grande medida rejeitada pela União Soviética; e portanto cresceu dentro da bolha ocidental. Até 1991, quando o comunismo soviético ruuiu e a ordem liberal passou por uma expansão furiosa para incluir dezenas de países do Leste Europeu, da América Latina e da Ásia. O ex-presidente George H.W. Bush batizou o cenário como “uma nova ordem mundial”. Mas, na realidade, tratava-se de uma expansão da ordem ocidental existente para abranger a maior parte do mundo.

Por que esse sistema está em risco? A reação na geopolítica era inevitável? As ②